

Cadernos do CEDI 5



## MISSÕES EVANGÉLICAS COM ÍNDIOS E LAVRADORES

**CEDI**  
**Centro Ecumênico**  
**de Documentação e Informação**

Rua Cosme Velho, 98 (Fundos), Cosme Velho  
Telefone 205-5197  
22241 Rio de Janeiro, RJ/Brasil  
Em São Paulo: Av. Higienópolis, 983  
01238 Higienópolis, SP

**Tempo e Presença Editora Ltda.**  
Caixa Postal 16082  
22221 - Rio de Janeiro, RJ.  
Registro de acordo com a Lei de Imprensa.

**Diretor:** Domício Pereira de Matos  
**Coordenador:** Paulo Cezar Lourenço Botas  
**Planejamento Visual:** Claudius Ceccon

**Arte:** Anita Slade

**Equipe Redatorial:**

Carlos Cunha

José Ricardo Pereira Ramalho

**Conselho Editorial:**

Carlos Alberto Ricardo

Letícia Cotrim,

Zwinglio Mota Dias

José Ricardo Pereira Ramalho

Carlos Rodrigues Brandão

Jether Pereira Ramalho

Eliseu Lopes

Henrique Pereira Júnior

Carlos Mesters

Beatriz Araújo

**Composição, Fitolito e Impressão**

Europa - Empresa Gráfica e Editora

Rua do Riachuelo, 109

**Boletim do GTME 1**

Agosto de 1980

## MISSÕES EVANGÉLICAS COM ÍNDIOS E LAVRADORES

---

### GRUPO DE TRABALHO MISSIONÁRIO EVANGÉLICO (GTME)

Em agosto de 1979, missionários metodistas, luteranos e pastores presbiterianos reuniram-se em São Paulo para trocar experiências e debater os desafios de seu trabalho. Daí surgiu o GTME, uma organização interdenominacional que visa maior intercomunicação entre os missionários e Igrejas Evangélicas no Brasil, na esperança de um serviço mais consciente das necessidades do povo sofrido a que desejam servir.

Biblioteca - Koinonia

(X) Cadastrado

(X) Processado

## **Sumário**

- 3 Reflexões sobre o Povo Kaiowá
- 6 Plantando Igrejas nas Estradas da Amazônia
- 9 Missão Luterana para os Índios de Guarita
- 11 Missionários Luteranos Denunciam  
a Invasão das Terras dos Índios Suruí
- 14 Os Sentidos da Evangelização:  
Um Debate entre Missionários
- 21 Com os Gaúchos no Mato Grosso
- 22 Roças Comunitárias com os Kaiowá
- 23 Documento Final do Encontro  
“Presença Evangélica nas Fronteiras Internas do País”

# Reflexões sobre o Povo Kaiowá

Opiniões do Rev. Scylla Franco, Coordenador do GTME

O Rev. Scylla Franco, metodista, missionário entre os índios Kaiowá, sul do Mato Grosso, foi escolhido para coordenar o Grupo de Trabalho Missionário Evangélico GTME. Reproduzimos aqui algumas passagens de um artigo seu sobre “As Ovelhas de Outro Aprisco”.

O arroz que não vingou –  
segundo Scylla Franco



Uma pioneira entre os Kaiowá,  
Áurea Briannezi

Áureo Briannezi e a plantação de  
soja dos índios



O erro de muitos missionários foi que eles creram ser os índios pagãos, adoradores do demônio, feiticeiros etc... Isso foi uma grande barreira, para não dizer besteira. Muitos tentaram demolir uma fé que não conheciam e perderam com isso verdadeiras pontes que poderiam levar os índios ao Cristianismo, sem violência.

A pergunta que constantemente me faziam era: "Mas, se tem um só Deus, por que tantas religiões e por que um fala mal do outro?" Desafio quem quer que seja para tentar explicar isso ao índio sem dizer que há mais de um Deus e que ele realmente entenda. As nossas explicações satisfazem a nós, não a eles.

Ora se o Evangelho é boa-nova, não é possível crer num evangelho devastador e escravagista, que os coloca em penúria agora, para, na eternidade, gozar de muitas coisas que já tinham aqui antes do branco.

A falta de compreensão de seus valores levou a diversas formas de repressão, de proibir os crentes de participarem de certas cerimônias até de certo chefe de posto "zeloso" que chegava a interromper a chicha e derramar a bebida, com a intenção de proteger os crentes. Avaliar o que isso significou é o mesmo que se descesse aqui um marciano e nos obrigasse a seguir a sua religião, proibisse o natal, semana santa e fizesse os coríntios torcerem pelo Palmeiras. Essa evangelização de seqüestro poderia produzir tudo menos cristãos... Suspendam os benefícios materiais e vejam quantos cristãos sobram.

Os caiuás são fortemente espiritualistas e em seu altar se encontram instrumentos de culto e não ídolos.

A crença num dilúvio que eles chamam de enchente, o processo é todo complicado e provavelmente nunca repetirão da mesma maneira, uns dirão que se salvarão de barco, outros que subirão em árvores altas, ou o indiozinho que disse que o Noé deles fugiu de caminhão para a missão. Mas uma coisa é certa: eles têm uma estória de dilúvio.

Um cataclisma universal, quando o seu salvador virá sobre as águas (essa crença é comprovadamente pré-colombiana), pestes, fomes, secas, grande incêndio, são prenúncios do fim, por isso quando as doenças dizimavam uma comunidade, eles levantavam acampamento. Até hoje eles ficam tremendamente excitados quando escapa fogo da queimada, e, quando termina, a expressão é de alguém salvo de um afogamento.

A crença num paraíso que chamam de terra sem males, que muito se assemelha ao novo céu e à nova terra da Bíblia, e onde as desgraças ficam de fora, inclusive a maior delas que são os Carais (homens civilizados), onde a banana não é como aqui que dá um só cacho.

Ser rezador é um privilégio, e o indivíduo aprende a rezar ou a dançar a chicha por inspiração própria, cantando com outros mais experientes. Mas também é um perigo, se não tiver vida séria pode até morrer. Aqui também há semelhança, pois Paulo disse que muitos dormiam e morriam por tomarem a Ceia indignamente.

Por outro lado, a ginástica que precisa ser feita para entrar no céu dos "caraiguerras" lhes é de todo incompreensível, e o mau testemunho dos cristãos que os cerca é tremendamente desestimulante. No fundo acho que eles pensam que se tiverem que agüentar esses brancos de novo no céu, é melhor ficar por aqui.

O caiuí cristão é, acima de tudo, um indivíduo que procura tirar o maior proveito, e há até histórias curiosas como a do índio que depois de um mês de batizado veio buscar o pagamento... Eles chamam os crentes de irmãos, dizem "paz do Senhor" aos pentecostais e pedem santinho ao padre. No tempo em que a Igreja Católica batizava sem muitas exigências, eles procuravam batizar os filhos o maior número de vezes possível para ganharem presentes dos padrinhos e terem um bom número de compadres. Se me disserem que eles são safados, eu direi que aprenderam com os civilizados. Talvez o único grupo que alcançou sucesso entre eles sem lhes oferecer



"Cabeçantes" de roças comunitárias se reúnem

bens materiais e até têm conseguido receber deles são os pentecostais, e a razão disso é que os pentecostais apelam ao fanatismo e oferecem bênçãos imediatas tais como: cura, proteção contra o mau olhado e obras de feitiçaria, colheita abundante, sorte nos negócios e outras bênçãos espirituais de ordem prática, além, naturalmente, do ambiente místico, dos cânticos espirituais, das revelações e línguas, tão comuns às crenças originais dos caiuás.

O uso da língua é desestimulado, muitas professoras não falam nem “bom-dia” no “idioma” e são nomeadas às vezes pelo simples fato de serem esposas de chefes de posto.

Dentro da aldeia não há nada escrito na língua, nem placa, nem documentos, avisos, nem qualquer coisa, embora por este Brasil haja até jornal em japonês, árabe e tudo o mais, sem falar nas designações codificadas: P.I., T.B., D.R. (o resultado é que a nova geração já não fala a língua e perde a passos largos a memória histórica num suicídio étnico).

A linguagem religiosa requer ainda maior cuidado e às vezes se traduzem para o guarani hinos que foram mal traduzidos para o português, e assim eles recebem a mensagem de terceira mão, que não lhes diz respeito. Hinos que cantam a passagem do Jordão, do Mar Vermelho, ou qualquer outro momento épico de Israel absolutamente não lhes dizem nada, apenas papagueiam.

Dona Lóide Bonfim escreveu um corinho cuja mensagem dizia: “Aqui na terra eu trabalho com dificuldade, lá no céu eu vou trabalhar bem”. Todas as vezes que eu pedia a eles que escolhessem um corinho, esse vinha infalivelmente, porque dizia respeito a uma realidade deles.

As chamadas aberturas, conquanto no momento sejam apenas réstias de luz, já permitem ver alguma coisa, apesar de que nossas pupilas dilatadas pelas trevas das restrições democráticas não podem encarar de frente a aurora que desponta preguiçosa e restrita.

O caiuí nunca foi de opor resistência, sempre fugiu toda vez que foi molestado. Hoje se encontram no extremo da aldeia e só permanecem lá porque não têm para onde ir. Ainda é comum que em caso de opressão ou calamidade, eles se mudam para outro posto abandonando o seu, ou simplesmente se matam. Por isso não acredito que eles tenham sido escravizados ou reduzidos. Se se escravizar um caiuí, ele simplesmente se deita numa estiva e morre da mesma forma que nasceu.

O mal do índio é que ele sempre esteve ligado ao Ministério errado. O Ministério do Interior pela sua natureza é desenvolvimentista e terá sempre no índio um entrave ao desenvolvimento. Num país onde a estrutura agrária é uma iniquidade, onde um cidadão estrangeiro pode ser dono de um “Jari”, quem vai se preocupar em arrumar terras para meia dúzia de selvagens?

A terra agricultável não dá um hectare por índio e como poderá ele competir com o lavrador gaúcho que, além da técnica, conta com um respaldo bancário que mesmo o caboclo matogrossense não tem?

Seu conceito de trabalho é muito diferente do nosso. Para ele trabalho é festa, ele não trabalha para produzir excedentes, não se escraviza ao relógio e, acima de tudo, detesta ser mandado.

Os projetos de roça comunitária são sem dúvida a única opção do momento. Além de mantê-los mais unidos, usam mais racionalmente a terra. Entretanto o alto custo da destoca manual não deixa saldo e a destoca mecanizada faz deles espectadores e é altamente deseducativa. Por outro lado a existência de projetos individualistas tem criado dentro da aldeia diferenças sociais enormes e o caiuí começa também a perder a visão que tem do trabalho, para pensar em adquirir coisas como: televisão, carro, casa de madeira etc. e, não conseguindo, frustra-se.



Dois tempos na roça comunitária:  
Momento de pausa para a foto  
A colheita do arroz

# Plantando Igrejas nas Estradas da Amazônia

## Altamira, Transamazônica

Resumimos a exposição do Rev. Lauro da Cruz Reis sobre as condições de vida dos colonos da Transamazônica, que compõem a maioria dos membros de sua congregação.

Para conhecer melhor o trabalho do Rev. Lauro da Cruz Reis, escreva-lhe: Caixa Postal 0011, 68370 Altamira, Pará.



O pastor Lauro Cruz, na Transamazônica

A partir da abertura da rodovia federal BR-260 (Transamazônica), os primeiros colonos foram chegando para desbravar e conquistar, juntamente com a estrada, os sertões da Amazônia. No entanto, ao dividir as terras em lotes, o Governo tanto desrespeitou os verdadeiros donos de parte delas, isto é, os índios, como não selecionou terras agricultáveis para a distribuição. Os colonos que ali chegaram eliminavam a “ferro e fogo” tudo — seus habitantes, os índios, como a natureza — para conseguir seus objetivos. Se tal cenário já existia de certo modo antes da colonização, agora era oficializado.

O primeiro grupo que chegou teve grandes facilidades com documentação, salário, etc.; o que já não aconteceu com os grupos subseqüentes para quem surgiram grandes dificuldades para trabalho. Muitos destes colonos, assim como os da primeira turma, desistiram devido aos vários problemas inerentes à região, levando o INCRA a ceder terras apenas para latifundiários em glebas de 500, 1000 e 3000 hectares.

Atualmente, lutam com os financiamentos efetivados pelo Banco do Brasil que atrasa e que estabeleceu datas e não as cumpre, fazendo com que percam colheitas ou não façam plantações; com as colheitas as quais — quando não perdem por falta de mão-de-obra, estradas, chuvas em demasia, falta de silos — precisam vender ou ao Banco por preços ridículos que não lhes cobrem a mão-de-obra, ou para as cooperativas manobradas que os exploram tanto na admissão quanto no pagamento das colheitas, um pouco acima do valor estipulado pelo banco. Padecem, assim como as populações ribeirinhas, de péssimas condições de atendimento médico-hospitalar, de comunicação, de educação, transporte e segurança.

Tal colonização dá lugar ao peão que, deixando sua família (inclusive o casado), aventura-se a uma vida melhor, ganhando uma média de cem cruzeiros por dia, sem quaisquer benefícios das leis trabalhistas. Nômade de gleba em gleba o que não lhe permite uma vida regular. Entre seus divertimentos está a bebida que lhes tem causado a desgraça. Desprovido igualmente de qualquer garantia, o índio, herdeiro tradicional e natural da terra, é enganado, expulso, assassinado, e as suas terras doadas a cooperativas e posseiros.

Nesta barafunda institucionalizada, Lauro e outros têm tentado ajudar tanto colonos como índios e populações ribeirinhas, abrindo escolas, dando cursos de alfabetização, orientando o plantador com agrônomos por eles contratados, denunciando irregularidades, divulgando a situação daqueles povos e apelando para



Castanheiros na Transamazônica e o Rev. Lauro



Alto Xingu, vila de pescadores

que médicos, estagiários, professoras venham colaborar no programa que consideram não seu, mas obediência a Deus. Eles têm recebido apoio, tanto material como pessoal, embora ínfimo em confronto com as necessidades da região.

Aliado ao trabalho social e ciente de que este não pode ser separado da pregação do Evangelho, a Igreja Metodista conta com uma família de obreiros e vários pontos missionários em intensa atividade.

Altamira, sede do município de Lauro, conta ainda com o trabalho das Igrejas: Católica (vários templos, escolas e até pequenas indústrias); Presbiteriana (com duas igrejas, dez congregações, seis pastores e um agrônomo); Assembléia de Deus (templos, cinco pastores e uma escola primária); Batista (quatro pastores e duas missionárias); Congregação Cristã do Brasil (igreja e várias congregações). A Igreja Adventista mantém uma rede de escolas bem como alguns postos médicos e odontológicos em convênio com o "Funrural".

### Igrejas, Pontos de Pregação e Escolas no Interior de Rondônia

O acordeão e a voz de Pablo Osvaldo Mora, pastor metodista, foi um dos pontos altos do encontro. É um acordeão que tem animado muitas pregações, e que tem a batida alegre do ritmo que é conhecido e apreciado pelo povo pobre que está migrando para Rondônia em busca de uma vida melhor. Pablo e sua esposa Claudete viajaram oitenta e duas horas de ônibus para chegar até Campo Grande – e daí para São Paulo foi um pulinho, só umas vinte horas de estrada...

A vida dura do Missionário nem sempre é lembrada pelas nossas igrejas da cidade, já acostumadas a uma vida de conforto. O testemunho de Pablo e de Claudete trouxe alegria para o grupo, mas trouxe também muitas indagações. Como encarnar a mensagem da fé? As ocupações da vida da Igreja deixam às vezes pouco tempo para conhecer melhor o que se passa no mundo, no trabalho e na família das pessoas. As dificuldades dos colonos de Rondônia são tremendas. Problemas de terra, de disputa selvagem pelo poder de cercar um pedaço de pão. Os preços dos alimentos são altíssimos. A violência dos poderosos é cruel. Entre os próprios colonos há muita luta. Os problemas do espírito não podem ser desligados das dificuldades da vida das pessoas, mas nossas Igrejas muitas vezes se esquecem de que os seus membros são feitos também de carne e osso.

No ministério de Pablo, e no trabalho de Claudete com escolas de primeiro grau, eles buscam respostas para estas e muitas outras indagações. Eles precisam do seu apoio. Escreva para Pablo Osvaldo Mora, Caixa Postal 154, 78930 Ji-Paraná, Rondônia.



Pablo, seu acordeão anima a festa



# Missão Luterana para os Índios de Guarita

Das missões luteranas, Guarita é a mais antiga e a mais desenvolvida. Com índios Kaingang e Guarani, no Rio Grande do Sul, formam monitores indígenas para dezesseis postos indígenas do sul do país. Possuem portanto um grande trabalho e uma considerável infra-estrutura. Os missionários Sissel e Ornulfo Steen, Ase Edith Snotun, Zaida Maria do Nascimento, Martin Steffen Bachhouse testemunharam dos seus projetos e de suas indagações. Uma missão tão desenvolvida tem os seus problemas próprios, entre os quais o de criar uma realidade junto à aldeia indígena que é muito diferente daquela que é própria dos índios. As casas e os pavilhões da Missão contrastam com as palhoças dos índios. Como enfrentar este problema? Como formar monitores que não se distanciem dos seus irmãos índios e que usem os ensinamentos para o desenvolvimento da sua comunidade? Como formar um programa de saúde e de nutrição que leve em conta a sabedoria medicinal dos índios, ao invés de destruí-la? Como contribuir para a defesa da terra indígena, cada vez mais pressionada pelos fazendeiros da região? Como participar dos problemas dos indígenas? Estas e outras indagações foram trazidas pelo grupo de Guarita. Eles também precisam do seu apoio.

Escreva para Ornulfo Steen, Caixa Postal 94, 98500 Tenente Portela, Rio Grande do Sul.

---

O trabalho do CEAI (Centro Educacional e Assistencial Indígena) realiza-se dentro da área indígena Guarita, nos municípios de Tenente Portela e Redentora (RS).

No município de Tenente Portela, o CEAI tem um trabalho em conjunto com a FUNAI no Centro de Treinamento Profissional "Clara Camarão" (CTPCC).

O CTPCC no início do ano letivo de 1978 contava com quarenta alunos, sendo que destes, vinte e um optaram pelo curso bilíngüe e dezanove pelo curso de agricultura. No campo experimental e de produção, os alunos executaram, sob a direção e supervisão de técnicos, as seguintes práticas agrícolas: plantio de milho, mandioca, pastagem, árvores frutíferas, hortaliças, soja, trigo etc.

Devido à seca, a produção em 1978 foi fraca, não cobrindo as despesas da lavoura. A safra de trigo não foi suficiente para pagar a semente de soja plantada em 78.

Em virtude de a legislação vigente não permitir ao CEAI obter financiamento bancário, cada safra deverá necessariamente produzir o suficiente para cobrir despesas com o próximo plantio.

Uma das preocupações com a manutenção do Centro recai sobre a insuficiência de terra para a lavoura. Na declaração feita pelo Presidente da FUNAI, constam cento e cinquenta hectares, mas na realidade, o Centro dispõe de apenas setenta e oito para cultivo. Este fato prejudica a formação e manutenção dos alunos do CTPCC.

O CTPCC em sua Escola de Aplicação (primária) contou, em 1978, com a freqüência de doze alunos, que foram também atendidos na enfermaria assim como os índios da comunidade próxima à escola.

No município de Redentora realizou-se um trabalho de desenvolvimento comunitário junto aos índios Kaingang e Guarani, no setor "Missão" da área indígena Guarita, posteriormente denominada CEAI.



Martin S. Bachhouse,  
coordenador

Ornulf Steen, pregador



Sissel Hodne, nutricionista

Quanto à educação, a escola de Primeiro Grau incompleto “Marechal Rondon”, em 1978, esteve com noventa e dois alunos distribuídos em cinco turmas. Foi aplicado, com a turma de alfabetização em português, um novo plano de curso, o qual considera a situação das crianças indígenas, que já freqüentaram dois anos de aulas do ensino bilíngüe. Assim, o CEAI está também se preocupando com a elaboração de um currículo para as escolas primárias. Infelizmente, não existe nenhum plano noutra escola indígena para servir como exemplo. Como os alunos enfrentam dificuldades para acompanhar a quinta e sexta séries do Primeiro Grau em Miraguá, foi criada uma turma especial que visou a uma preparação para suprir tal dificuldade.

Na agropecuária, em 1978, foram realizados, em convênio com a Fundação Gaúcha do Trabalho, cursos de plantio de milho, conservação do solo, fruticultura e horticultura.

O cooperativismo entre os índios e CEAI do setor “Missão”, está em fase inicial. Devido a situação legal, o índio consta como menor. Por isso o índio só pode associar-se numa cooperativa apenas para vender seus produtos, porém não tem o direito de comprar sementes, adubos, etc., através de financiamento. Assim, eles dependem dos comerciantes que vendem sementes a prazo, com juros e a preço bem mais alto. Caso contrário, os índios têm de plantar sementes da safra, que depois de duas ou três safras dão queda de produção ou então têm de plantar em sociedade com não-índios. O CEAI está assumindo o papel de uma cooperativa que se preocupa em arrumar sementes, adubos, etc., fornecendo-os a prazo, até o final da safra, sem juros.

Com relação à saúde, no ano de 1978, a enfermaria foi ampliada, o ambulatório foi construído em alvenaria. Assim, aumentou o número de leitos para dez. As enfermeiras atenderam nada menos que três mil novecentos e sessenta e três casos.

A equipe volante da FUNAI esteve em 78 apenas duas vezes na área para atendimento dos índios, ficando um dia de cada vez.

Uma pequena comunidade evangélica entre os Kaingang de Guarita se reúne três vezes por semana para cultos ou reuniões, sendo que uma destas se realiza na casa de algum índio. Usam-se as duas línguas: o Kaingang e o Português. Há na língua Kaingang um hinário e o Novo Testamento. Os cultos são ministrados por um índio da comunidade e pelo Pastor.

# Missionários Luteranos Denunciam a Invasão das Terras dos Índios Suruí

Roberto Zwetsch e Lori Altmann são missionários luteranos entre os Suruí, em Rondônia. Tiveram uma filhinha depois que partiram para o campo e decidiram que o seu nome seria dado pela tribo. Uma índia “fez” o nome da menina que ficou sendo Pamalomid. Lutam para aprender a língua indígena, torcendo para que Pamalomid cresça depressa para ajudá-los a compreender melhor o jeito de pensar e sentir dos Suruí. Roberto e Lori acreditam que o dever primeiro do missionário é o de *encarnar-se* entre o povo ao qual procuram servir. E estão seguros de que o primeiro passo nesse sentido é perceber o drama terrível que está sendo provocado pela invasão das terras indígenas.

---

“Aqui é terra de índio. Muito tempo aqui tinha muito mato, muito porco, muito macaco, muito tatu, agora Suruí tem que caminhar longe para buscar caça. Por isso Suruí vai na casa de ‘yara’ (civilizado invasor) pegar porco, feijão.”

(De um Líder Suruí)

---

“Da parte dos colonos, fica claro que devem lutar pelo seu direito à terra, conforme lhes assegura o Estatuto da Terra. Mas que o ônus desta luta não recaia sobre os índios! Há terra em Rondônia, só que já começam a surgir as grandes fazendas como os sessenta mil hectares do BAMERINDUS, próximo a Vilhena. É preciso cobrar do INCRA!”

(Missionário Roberto)

---

“Pensando no meu trabalho, estou encurralado com os índios (se ficar o bicho come, se correr o bicho pega). Esta é a verdade. O que vou fazer, se o posto for atacado por um grupo de colonos? Pegar a mulher e a filha e cair no mato, deixar que se virem? Ou pegar a arma e matar o nosso irmão (...)? Este é o nosso grito de socorro.”

(Arnildo F. Wiedmann, enfermeiro da missão luterana entre os Suruí)

O Rev. Roberto Zwetsch e sua esposa Lori foram afastados da comunidade Suruí em outubro de 1979 pelo Administrador do Parque Indígena Aripuanã, em Rondônia. Seguindo os padrões autoritários do Governo, as razões desta medida até hoje não foram explicadas, e os missionários não tiveram oportunidade sequer para se informar daquilo de que foram acusados. Duas razões alegadas genericamente foram as seguintes:

1. Incompatibilidade com os funcionários da FUNAI dentro e fora da área indígena;
2. Interferências na administração do Parque Aripuanã.

Ocorre que em fins de setembro, o Administrador do Parque Aripuanã proibiu que três líderes Suruí participassem de uma Assembléia de Chefes da Região Amazônica. Esta proibição foi levada pelos missionários ao conhecimento de uma Assembléia de Missionários que se realizou no Amazonas e daí chegou aos jornais. Ao que tudo indica, a FUNAI reagiu expulsando os missionários da área indígena, impedindo assim que um trabalho recém-iniciado havia um ano não mais pudesse continuar.

Os Suruí são um povo seminômade que vivia originalmente nas matas ao sul do Território Federal de Rondônia, entre os rios Roosevelt, Branco e Ji-paraná. Este nome foi dado pelo sertanista da FUNAI, já falecido, Francisco Meirelles. O povo indígena se autodenomina "Paíter", que aproximadamente significa "nosso povo, nossa gente". Fazem parte da grande família Tupi-guarani.

Foram atraídos para o contato com a sociedade nacional em junho de 1979. Mas a história desse contato é tragicamente triste. É uma história de violência, epidemias e muita morte. Se a sua população por volta do contato era de mil indivíduos, hoje somam não mais que duzentas e oitenta pessoas, vivendo em duas aldeias distantes dez quilômetros uma da outra numa reserva que a FUNAI terminou de demarcar em 1977, num total de duzentos e trinta hectares.

Esta Reserva faz parte, administrativamente, do Parque Indígena Aripuanã, onde vivem outros Povos Indígenas como os Cinta-larga, os mais numerosos, os Zoró, os Arara, os Gavião. Embora demarcada, a Reserva nem por isso deixou de ser invadida. Este fato por si só já coloca uma questão muito séria: a demarcação das terras indígenas, pura e simplesmente, ainda não é garantia da inviolabilidade dos territórios indígenas. É por isso que esta dramática realidade, tantas vezes denunciada, está a exigir das autoridades governamentais uma gama de medidas para que efetivamente os territórios indígenas sejam respeitados e resguardados, como prevê o Estatuto do Índio (art. 25).

Particularmente, a invasão das terras dos Suruí coincide com o início da colonização de Rondônia por colonos vindos de diversos cantos do Brasil. Em 1976 houve sérios atritos porque os colonos que deveriam receber terras do Projeto de Colonização do INCRA ultrapassaram os limites do Projeto em cerca de nove a dez quilômetros, penetrando em área interdita por ser área dos Suruí. De nada adiantaram as determinações da FUNAI. A invasão se tornou ocupação de fato e os índios acabaram perdendo uma larga faixa de suas tradicionais matas de caça, pesca e coleta. Um ano depois foi feita a demarcação, mas de nada adiantou. Já em setembro de 1978, quando os missionários luteranos chegaram ao local, estimava-se a presença de mais de cento e cinquenta famílias de colonos intrusos nas terras dos Suruí, num processo cuja tendência era continuar no período seguinte da seca, quando são reiniciados os trabalhos da derrubada e preparo da terra para o plantio. Foi o que aconteceu. Diga-se de passagem, com o total conhecimento da FUNAI, que nada fez para prevenir o agravamento da situação. Em julho de 1979, o número de colonos já subira para mais de duzentas e cinquenta famílias, num ritmo sem controle, gerando um clima de tensão e insegurança na área, devido à reação dos índios.

Roberto, Lori e Pamalomid,  
expulsos pelo Governo e ainda  
sem perspectiva de volta aos Suruí



Os índios resistem atacando as casas dos colonos, roubando-lhes parte da produção, avisando que devem sair porque aquela terra lhes pertence. Dizia um índio: “Índio não precisa de documento (da terra). Índio sempre viveu aqui.”

O que fica revelado aqui é que esta invasão não é fortuita, mas decorrente de um problema maior, qual seja o fracasso total da colonização oficial promovida pelo INCRA. Só para que se tenha uma idéia desse fracasso, afirma-se atualmente que em Rondônia existem cerca de vinte e três mil famílias sem terra, o que já está criando sérios problemas nas cidades recém-fundadas, como favelas, alto índice de criminalidade, desemprego, prostituição etc. Estas famílias migraram para Rondônia com a esperança de que lá haveria terra fácil e segura, bem que lhes foi negado nos seus Estados de origem, devido à injusta e ímpia distribuição das terras no Brasil, cada vez mais concentradas nas mãos do latifúndio e da grande empresa agro-industrial, nacional ou estrangeira (ex. Jari). Grande ilusão! O problema é gravíssimo e tende a criar sempre maior tensão social no Território de Rondônia, uma vez que a reivindicação básica dos trabalhadores do campo – a inadiável REFORMA AGRÁRIA – fica postergada e escamoteada por pseudo-soluções como a colonização, seja particular ou oficial.

Conflitos entre colonos e índios se registram desde os primeiros tempos da ocupação do Território pelas frentes de expansão. Primeiro foram os seringueiros e garimpeiros. Hoje são os colonos. A convivência entre estes grupos e os índios nunca foi pacífica e os índios sabem muito bem disso. Mas evidentemente, são os índios os maiores prejudicados. Só para se ter uma idéia da espoliação do povo Suruí, basta relembrar que uma única companhia colonizadora, a ITAPORANGA dos Irmãos Melhorança, grilou um milhão e duzentos mil hectares do antigo território indígena. A vila do Espigão do Oeste, a trinta e cinco quilômetros da cidade de Pimenta Bueno, está encravada no coração do território Suruí. Vê-se aqui repetido nesta época um processo já antigo, que é o de criar vilas em cima de aldeias indígenas dizimadas.

Apesar de tudo, a série sucessiva de derrotas, tem aguçado a consciência de luta dos Suruí, que procuram defender a todo custo sua terra contra a ação de intrusos. E o fazem tanto por ações de intimidação e saque como através de “missões diplomáticas”, quando enviam seus líderes a Porto Velho para exigir medidas da FUNAI e até do Governo do Território. Esse fato revela o grau de conscientização que aparentemente os Suruí teriam perdido.

Como missionários empenhados na defesa dos direitos indígenas e na integridade física e espiritual do povo Suruí, Roberto e Lori durante o tempo em que estiveram com eles, sempre se posicionaram ao lado da comunidade. O preço que pagaram foi sua expulsão.

Sobre este trabalho missionário, há um Caderno elaborado pelos missionários Roberto e Lori, intitulado “Paíter: o Povo Suruí e o Compromisso Missionário”.

Quem estiver interessado, escreva para P. Milton Schwantes, Faculdade de Teologia, Caixa Postal 14, 93000 São Leopoldo (RS).

# Os Sentidos da Evangelização: Um Debate entre Missionários

Num espírito de franqueza e de tolerância, os missionários debateram o sentido do seu trabalho. Havia um acordo de base, mas também havia muitas diferenças. É preciso rever o sentido da evangelização? Como romper com a tentação colonialista? O que se espera de um índio convertido? Como respeitar a sua cultura? O que o evangelista tem a dizer para o colono espoliado? O que significa "Boa Nova" para os povos sofridos do interior brasileiro?

---

## Participantes do debate:

**Lauro da Cruz Reis**  
pastor metodista em Altamira, Pará.

**Scylla Franco**  
pastor metodista, missionário entre os Kaiowá, no Mato Grosso do Sul, atualmente coordenador do GTME em Campinas, São Paulo.

**Roberto Zwetsch**  
pastor luterano, missionário entre os Suruí, Rondônia, expulso da área pela FUNAI dois meses depois deste debate.

**Zwinglio Dias**  
pastor presbiteriano, secretário geral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

**Lori Altmann**  
missionária luterana entre os Suruí, Rondônia, também afastada pela FUNAI.

**Rubem César Fernandes**  
antropólogo, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

**Orvandil Barbosa**  
pastor metodista, entre favelados, em Santa Maria no Rio Grande do Sul.

---

*Lauro*  
*Eu me considero um mensageiro. Um mensageiro do Senhor, na Transamazônica. Não estou ali propriamente para responder aos anseios de uma população em determinada situação, senão em segundo plano. Primeiramente, sou ali um mensageiro de Deus.*

---

*Roberto*  
*É assim que eu definiria o que a gente entende por evangelização neste momento: ser uma presença evangélica na comunidade Suruí. (...) Viver lá, participar da vida da comunidade, tanto quanto possível.*

**Lauro**  
Hoje foi feita uma pergunta, durante a visita lá na capela: o que nós estamos fazendo? Eu acho que ela é muito importante. A gente parece que não pensa no que é que estamos fazendo. Se estamos respondendo a alguma expectativa, algum anseio, realmente. Sei que cada um de nós tem uma série de concepções, e que cada um pensa diferentemente a respeito desse assunto. Mas para mim existe uma preocupação: eu estou na área da Transamazônica, para quê? Para atender às necessidades dos colonos que lá estão. Mas que necessidades? Acho que esse nosso posicionamento no caso é fundamental. Às vezes a Igreja tem expectativas a nosso respeito. Ela própria está fracionada em diversos grupos de pensamento a respeito da missão. Qual é a missão da Igreja? Não me parece que há entre nós aqui uma preocupação muito grande com a mensagem que vamos transmitir. Estamos muito preocupados em respeitar os direitos do colono, os direitos do índio, a sua cultura, a sua formação. Estamos com medo de levar a eles alguma coisa que violente a

sua cultura. No meu ponto de vista, por exemplo, acho que estou violentando a cultura dos colonos da Transamazônica, e agora da população ribeirinha da Amazônia, quer dizer, acho que estou violentando sua cultura, e conscientemente. Enquanto a Igreja Metodista me mantiver lá eu vou continuar fazendo a mesma coisa. Porque penso que a mensagem do Evangelho é justamente de fora, e a gente vem e a traz ao povo, junto ao qual estamos. A minha mensagem, o Evangelho, vem de cima, vem de Deus. Eu me considero um mensageiro, um mensageiro do Senhor, na Transamazônica. Não estou ali propriamente para responder aos anseios de uma população em determinada situação, senão em segundo plano. Primeiramente, sou ali um mensageiro de Deus. Suponho que Deus tem uma revelação para fazer ao homem de qualquer cultura, e a conversão, que é uma das ênfases de minha mensagem, a conversão a Jesus Cristo é uma necessidade de todos os povos, de qualquer cultura. Se eu fosse para a China, para a Suécia, ou para a Alemanha, como pregador do Evangelho, como pas-

## Scylla

*É que eu acho que a pessoa evangelizada, verdadeiramente evangelizada é a pessoa que melhor se engaja para começar a vida no mundo.*

## Lauro

*Suponho que Deus tem uma revelação para fazer ao homem de qualquer cultura, e a conversão, que é uma das ênfases da minha mensagem, a conversão a Jesus Cristo é uma necessidade de todos os povos, de qualquer cultura.*

Rev. Antônio Gouveia de Mendonça – apoio declarado ao GTME.

Armino Schmechel está com lavradores desalojados de Itaipu

Ivone Camargo, luterana, força no trabalho ecumênico com o CIMI



tor, iria levar a mesma mensagem, mensagem do Evangelho. Naturalmente existem as adequações, existe o fator de comunicação. Mas eu tenho que dar um recado, e um recado que não é meu; um recado que não é o povo de lá que vai me dizer o que devo dizer para eles, não. As suas necessidades podem determinar algumas mensagens que lhes vou levar, sem dúvida. Se eu estou diante de uma pessoa enferma, tenho uma mensagem para ela, mas é uma mensagem de Deus, não é uma mensagem dela, não. Isso é uma coisa fundamental. Porque me parece que existe um certo temor de levarmos algo diferente para o povo. Mas se não temos algo diferente, acho então que não temos o que fazer. Ou então vamos fazer assistência social. Pessoalmente estou mais que convencido de que o mais importante que como igreja evangélica temos a dar, seja para os índios, seja para os colonos, seja para quem for, é a mensagem de Jesus Cristo. Quem não me ouviu antes talvez esteja perguntando: Bem, mas você lá só faz pregar o Evangelho? Não, é claro que não. Vocês ouviram o relato que apresentamos. Quando estamos diante de um enfermo, de um faminto, de um analfabeto, mesmo dentro de todas as nossas limitações, procuramos fazer o atendimento. Isso eu faço. Mas penso que o que eu fui fazer ali de mais importante, o que estou fazendo ali, é levando a mensagem do Evangelho, a mensagem de Jesus Cristo. Não é a mensagem da Igreja Metodista, e também não é uma mensagem que vou tirar do povo de lá. O povo não tem mensagem para me dar. O povo tem motivações para a mensagem de Jesus Cristo. O que eu procuro fazer é isso.

## Scylla Franco

Não sei se nossos pontos de vista vão combinar. Também não sei se consigo ser tão sucinto assim. Quero chamar atenção para um trechinho da Bíblia, e que diz assim: “E João, ouvindo falar no cárcere dos feitos de Cristo, enviou dois de seus discípulos, a dizer-lhe: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro? E Jesus respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João as coisas que ouvistes e vedes: os cegos vêm, e os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Mt 11). Bem, a minha teologia está toda aí. Não foi a minha intenção comunicar a idéia de que não se deva evangelizar o índio. Discuto um pouco o que se entende, ou melhor, o que seja o

Evangelho. Porque, muitas vezes, o Evangelho, do nosso ponto de vista, não é na verdade uma boa nova, mas um fator colonizante, não tem nada de Evangelho. Quando leio este texto, fico com uma preocupação: Jesus tinha tudo para especular a respeito desse tema, que na ocasião era muito importante: quem é o Cristo? “És tu o Cristo, ou esperamos outro?” Ele tinha muitos argumentos. Podia começar desde os profetas; podia começar desde o Gênesis, se quisesse. Mas não fez nenhuma argumentação de ordem teológica e nenhuma de ordem bíblica. Chamou aquelas pessoas para serem testemunhas: vinde, ouvi, vede; depois ide dizer as coisas que vistes e ouvistes. Só isso. Para mim, a função do evangelista é testemunhar daquilo que viu e ouviu. Fico eu pensando, se nós aqui, Igreja Luterana, Igreja Metodista, Igreja Presbiteriana (não sei se mais alguma), se viesse alguém agora para repetir a mesma pergunta: Vocês são a Igreja de Jesus Cristo, ou esperamos outra? Teríamos autoridade bastante, teríamos coisas bastantes para dizer a essas pessoas: “Olhem, vocês vão lá e digam a quem os mandou aqui, o que viram e ouviram?” Isso comprova que nós somos a Igreja? Fico realmente preocupado com isso. Se realmente podemos dizer essas coisas para as pessoas: vocês não precisam esperar outra Igreja, nós somos a Igreja de Cristo, e o somos por aquelas coisas que vocês viram e ouviram e não por algo que dissemos por meio de palavras apenas. Essa é a minha preocupação. Para começar a ensinar o Evangelho ao índio, só depois de sete anos eu achava que estava em condições. É, realmente, preciso um tempo de convívio, entendimento, conhecimento, para anunciar essa mensagem de Jesus Cristo. Não me falta fé para pregar o Evangelho, para dizer o Evangelho. Às vezes, apenas, eu discuto como fazer isso, acima de tudo, se minha vida me dá autoridade suficiente para fazer isso.

Preciso colocar mais uma coisa. Estamos acostumados a lidar com populações cristãs, com populações cristianizadas, ou de dependência, ou de cultura cristã. De começo, nossa tarefa já é posta em cheque numa cultura diferente, como é a cultura dos índios, que não é uma cultura cristã. Realmente, se não tivermos capacidade de viver a fé, e mostrar alguma coisa concreta a eles, a nossa fé não tem, praticamente, nenhum valor, e a nossa pregação não tem autoridade.

**Roberto**  
*Se o Evangelho é boa nova para os índios, então o objetivo nosso, lá entre eles, só pode ser o de fazer com que o índio seja mais índio.*

**Lauro**  
*... acho que todo mundo está numa pior, sem exagero. Não é só o pobre economicamente, como foi ventilado hoje de manhã, mas o rico também está tão necessitado do Evangelho quanto o pobre.*

**Roberto**  
*Os Suruí perderam a maior parte de suas terras para os cristãos. São cristãos católicos, luteranos, batistas, da Assembléia de Deus. Eles têm uma safra de cristãos invasores de suas terras. Têm diante de si tal testemunho, que é anticristão.*

Pastor Gierus apoiou decididamente o GTME.

Novo convertido à causa indígena, o advogado Ben Hur Mafra



**Roberto**  
Quando me decidi a estudar teologia, o objetivo era bem este mesmo: "Eu vou ser pastor, porque quero mudar o mundo." Esse era o meu objetivo. Achava que, na base da pregação do Evangelho, eu iria mudar o mundo. Mas começou a surgir há alguns anos, uns quatro anos atrás, a preocupação com o índio. Fundamentalmente, a nossa ida para o Suruí se deve a um grupo, que começou a se preocupar com essa questão. Venho de uma Igreja Luterana, cuja característica principal é considerar-se a Igreja da Palavra, da pregação da Palavra. Depois de muita reflexão, muita análise, do que essa Igreja é e foi, neste país, a gente chegou ao reconhecimento de que essa palavra pregada nem sempre se tornou palavra encarnada, realidade na vida das pessoas, e também na sociedade. Quando nos decidimos a trabalhar com os índios, a gente procurou entrar por uma outra vereda. Deixamos um pouco a pregação da Palavra de lado, e procuramos andar nesse caminho. É a tentativa de se colocar no meio de uma comunidade, e partilhar da vida dessa comunidade. Tentar ver se o Evangelho, por uma vez, sai de dentro para fora. Partimos do seguinte pressuposto: o índio tem uma mensagem para nós. Se essa mensagem é a do Evangelho, ou não, isso a gente não discute. O que achamos fundamental, e é por isso que a gente está lá, é que o índio tem uma mensagem para nós. E não só para nós; tem uma mensagem para toda a nossa sociedade. A gente foi para lá para viver no meio deles, tentar ser, no meio deles, uma presença evangélica. É assim que eu definiria o que a gente está entendendo por evangelização, neste momento: ser uma presença evangélica na comunidade Suruí. Se vai ser sempre essa a nossa definição de evangelização, não sei. Por enquanto o nosso trabalho tem sido esse, apenas, de ir viver lá, de participar da vida da comunidade, tanto quanto possível; de começar a aprender a língua, que é a coisa mais importante, se a gente quer compreender o índio, se a gente quer entender a alma do índio. O índio só pode ser entendido por nós no momento em que a gente puder entendê-lo na sua própria língua.

**Lauro**  
Eu entendo a vontade de compreender integralmente, conhecer a outra cultura. Também concordo que qualquer pessoa, vamos dizer, o índio em especial, tenha uma mensagem para qualquer de nós sobre como viver. Acho que temos muita coisa para dizer ao índio também. Mas eu

disse ao Roberto que, para mim, nessa posição dele, falta um objetivo. Eu quero ajudar. Sou um mensageiro. Mesmo que vá levar anos até que eu possa realizar minha tarefa, eu sou um mensageiro. Agora a minha pergunta: Diga, Roberto, qual seria seu objetivo no fim? Qual é o conteúdo da evangelização? É salvar uma cultura, preservar uma cultura, ou é transmitir uma mensagem considerada de vida e morte?

**Zwínglio**

Acho que é uma alternativa muito boa. De uma vez identificar-se com os índios. Também concordo que nós podemos aprender com os índios. Agora, eu pergunto ao Roberto: Você está ciente de que vivendo entre eles, como cristão, está, talvez sem palavras, transmitindo algo do seu modo de ser cristão? Pela convivência com eles, pode e deve transparecer algo de sua vida, de sua ideologia, de seus pensamentos, aos poucos. Isso você considera como uma mensagem para eles, ou só você quer aprender deles?

**Roberto**

Nessas questões que foram colocadas, me parece que há um resquício de apologética cristã. O pessoal está preocupado com o fato de que nós, de repente, não vamos ter mais nada para oferecer, como cristãos, ao mundo. Acho que é uma preocupação desnecessária. Penso que, no momento em que Cristo se encarnou neste mundo, quer dizer, que foi homem, foi carpinteiro, criou calos nas mãos, andou pelas ruas da Palestina, pelas estradas, dormiu em cima de pedras, e morreu numa cruz, como um bandido, a partir desse momento, este mundo não é mais o mesmo. E quer eu aceite ou não, quer os ateus aceitem ou não, este mundo mudou, a partir dessa cruz. Às vezes, por causa de uma carga histórica muito grande, por sermos membros de Igreja desde o nascimento, nós fomos marcados com uma certa preocupação que é própria de gente de Igreja, e que, eu diria, se manifesta sempre de novo, quando a gente sente que é preciso oferecer alguma coisa aos outros. E a gente justifica isso, de maneira muito hábil; no final das contas nós temos o Evangelho, somos portadores do Evangelho.

Eu tentaria colocar o problema, procurando fazer uma reavaliação do Evangelho e da missão, de nossa missão. Tentaria colocar da maneira seguinte: O Evangelho está aí, no momento em que Cristo pregou e anunciou: "O Reino de Deus, está próxi-

mo. Arrependei-vos". Esta foi a mensagem: "O Reino de Deus está próximo". Em outro momento Ele disse: "O Reino de Deus está entre vós". Parece, assim, que a mensagem já está aí, entre vós, a partir desse momento. O próprio apóstolo Paulo é um exemplo. O Evangelho, quando ele foi preso, não deixou de ser pregado, e não deixou de ser espalhado. A Bíblia não conta como foi feito isso, ela dá alguns exemplos, mas não conta como foi feito. Em vez de dizermos: Nós temos de transmitir o Evangelho, digamos o seguinte: somos servos do Evangelho, quer dizer, temos que nos colocar na perspectiva de que somos servos desse Evangelho, que já está no mundo. E uma outra coisa, eu diria o seguinte, para responder à pergunta: qual é o meu objetivo? O nosso objetivo, numa frase, eu diria: se o Evangelho é boa nova para os índios, então o objetivo nosso, lá entre eles, só pode ser o de fazer com que o índio seja mais índio. Acho que, antes de dizer a mensagem, deve haver, primeiro, uma mensagem quase negativa: desmanchar a imagem que eles já têm do cristão. Porque, para eles, o cristão é todo o branco. A primeira tarefa, não é criar a vivência bonita, a mensagem, mas desmanchar uma mensagem anterior, que é transmitida pelos colonos. Acho que esta tarefa, é a mais difícil e a mais demorada, porque a nossa experiência de vida está em confronto com a experiência que eles têm com os capixabas, por exemplo, com o pessoal da FUNAI, que sempre defendeu os interesses destes e conosco.

#### Lauro

Este ponto de vista, eu aceito. Mas não compreendo o Roberto, com sua última frase. Jesus Cristo não veio para dizer: israelitas, sejam mais israelitas; não disse aos romanos: sejam mais romanos. Ele trouxe uma boa nova, que era nova mesmo, para todos.

#### Zwínglio

Num primeiro momento, percebo dois extremos aqui. Os dois estão indo lá em direção aos empobrecidos, aos espoliados, aos lesados, aos desumanizados. Lauro, vai lá diante dos posseiros, dos colonos necessitados atendê-los, quando têm necessidade das suas mensagens, da sua dedicação, da sua atividade, da sua luta, do seu sacrifício. É alguém que vai ajudar os pobres, e assim evangeliza. Roberto é o pobre que vai lá para ser ajudado. Para mim, são duas posições evangelizadoras bem diferentes. Um vai evangelizar, ajun-

dando os pobres, e uma que assim está evangelizando. Outro vai para ser ajudado, como um pobre, que descartou tudo que possa vir da Igreja, uma Igreja que era da Palavra, e que agora nem mais Palavra tem. Ele vai lá como um pobre, vai lá para ser evangelizado, em última análise. Para mim são duas coisas completamente diferentes. Esse negócio de vir de cima, vir de baixo, vir do lado é secundário, mas eu vejo aqui duas posições bem diferentes.

#### Lauro

A gente tem sempre dificuldade de comunicação. Não pretendi afirmar que sou um indivíduo que vai ajudar os pobres. Eu me vejo na conjuntura em que estou lá, ou onde estiver, amanhã, ou no ano que vem, como mensageiro. A minha condição social não importa. Sou um mensageiro. E acho que, como missionários que somos aqui, nós somos alguém como um carteiro, um levador de mensagem, um mensageiro, desculpe, profeta-mensageiro. Evidentemente acho que todo mundo está numa pior, sem exagero. Não é só o pobre economicamente, como foi ventilado hoje de manhã, mas o rico também está tão necessitado do Evangelho quanto o pobre. Muitas vezes está naquela situação que o Apocalipse descreve: Não sabe que é pobre, cego, necessitado e nu. Não sabe mas o é. Não que eu queira ser melhor do que aquele que está lá, mas é que tenho convicção daquilo que vou fazer. Eu não teria condição, não deveria nem ser credenciado para ser um missionário, um evangelista, se não tivesse a convicção de que estou levando ali uma mensagem de redenção, uma mensagem diferente, alguma coisa que possa ajudar as pessoas. Eu sou uma pessoa que todos os dias busco esta mensagem para mim mesmo, eu me coloco todas as manhãs na presença de Deus, coloco a minha vida nas mãos de Deus, como o mais pobre dos homens, pedindo a Deus que tenha misericórdia de mim. Estranho muito que alguém vá como missionário, como evangelista, comunicar e não sabe ainda como vai fazê-lo. Acho que a gente deve procurar métodos, mas temos que ter convicção do que vamos fazer, daquilo que temos para dar. Temos alguma coisa para dar. Estranho que às vezes nós nos valem do nome de cristãos, do Evangelho, de pastores, seja o título que tivermos. Mas estamos ali completamente divorciados da nossa principal missão que é levar o Evangelho. Quando o Senhor decidiu salvar o mundo, mandou para todos os lugares, a todos os povos, a todas as tribos, para fazer o quê? Pregador o

Evangelho, fazer discípulos, que é essa uma missão que temos. Ou então, não temos condições de ser obreiros de uma Igreja. Poderemos ser obreiros de uma entidade social. Vamos criar uma organização social, assim não precisaríamos nem nos ajuntar em Igrejas. Porque receio que alguém esteja se amparando em Igreja, se sustentando em Igreja, e realmente não tenha convicção do que seja um mensageiro, um missionário. Às vezes, eu tenho dúvidas, quando ouço certas colocações, porque parece, realmente que alguém se aproveita da Igreja, Igreja de Jesus Cristo, que tem uma missão. A pessoa se aproveita dela, se sustenta, mas não faz aquilo que seria o principal. E às vezes nem sabe o que deve fazer.

#### Lori

O que é o Evangelho? O que é pregar o Evangelho? Para mim, pregar o Evangelho e evangelizar, acima de tudo, é dar uma esperança de uma vida, vida bela, vida nova. Por exemplo: Um pastor vai lá convicção de que quer falar de Deus. Entra pela porta da Igreja, sai pela porta da Igreja, não sabe para quem está falando, com quem está falando. Não sabe se a Palavra está sendo entendida. Não sabe se aquela pessoa escutou o Evangelho. Não sabe se aquilo mudou, em alguma coisa, a vida dela ou se tem perspectiva de mudar alguma coisa. O fato de ela estar lá não a vai mudar em nada. Será que isto é evangelizar? Será que é só o transmitir oralmente? Não que eu não acredite na ação do Espírito Santo. Eu acho que Ele vai sempre evangelizando. Mas será que só esse falar é evangelizar?

#### Scylla

Bom, a minha preocupação, quando se trata desses assuntos, é que a Igreja, desde seu princípio, sempre foi tangida de extremo a extremo. E por mais cuidado que se tome, se cai num ou noutro extremo. A posição cristã sempre me pareceu ser a posição do meio. A Bíblia diz claramente que a fé vem pelo ouvir. Então temos que pregar, que falar, para que a pessoa possa ouvir. Certas pessoas disseram de Jesus: "Nunca homem nenhum falou como esse homem". Mas Jesus pode chegar em público e dizer assim: "Qual de vós me acusa de pecado?" Então, junto com a palavra, Ele tinha vida. Isto para mim é fundamental. Então eu vou querer salvar o irmão pela barriga? Pode ocorrer de pegar um peixe pela barriga, mas o normal não é pegá-lo por aí. Posso cair nesse extremo do Evangelho Social: quero salvar o mundo,

### Scylla

*Muitas vezes, o Evangelho não é na verdade uma boa nova, mas um fator colonizante, que não tem nada de Evangelho.*

### Scylla

*Eu me coloco, às vezes, um confronto muito chocante: o missionário que mora numa casa com telinha na porta, ar condicionado, carro na porta, telefone, televisão a cores; enquanto o índio mora numa choça miserável, às vezes no quintal do missionário.*

### Scylla

*Para começar a ensinar o Evangelho ao índio, só depois de sete anos eu achava que estava em condições.*

Bispo Paulo Ayres e Rev. Zwinglio Dias respectivamente Presidente e Secretário do CEDI, consciências cristãs no apoio ao GTME.



pela barra. Mas também posso cair numa religião sideral, extraterrena, desligada de tudo. Esse tipo de religião, que prega que o cidadão tem que sofrer aqui, depois ele ganha um par de asas, uma harpa, e fica tocando eternamente no céu. A gente descuidou um pouquinho, caiu nos extremos. Para mim, a pregação da Palavra tem que ser acompanhada de vida. Fico com Stanley Jones: "O povo pagão não podendo ver a Cristo quer ver a Cristo em nós". Ser bom pregador do Evangelho, por melhor que eu seja capaz de discursar, se a minha vida não condiz com aquilo que prego, não consigo levar ninguém ao Evangelho. E não consigo mudar a vida de ninguém, porque eles nos estão sempre observando, estão sempre vendo. As minhas pregações, depois que eu acredito que Deus salvou a minha vida, têm sido mais para a Igreja, no sentido de chamar a Igreja à responsabilidade por aquilo que prega, de viver aquilo que prega. Vocês estão vendo como a nossa posição fica coerente para pregar o Evangelho. Para mim, é isto que falta: falta a gente viver o que prega, e pregar o que vive. Assim eu entendo.

### Orvandil

Eu gostaria de provocar mais uma preocupação. A gente nota que o indivíduo que passa a fazer parte de uma comunidade local, tem todo seu tempo preenchido por uma série de atividades que têm que ver apenas com a sobrevivência desse grupo, dessa comunidade. Passa a se desligar dos problemas das realidades, que ele mal ou bem, de qualquer maneira, estava enfrentando, antes de ligar-se. Então aconteceu um divórcio dele da sociedade civil, dentro daquela comunidade. Acho que o Lauro tocou no problema central, que é justamente: Não podemos discutir o problema da evangelização sem contextualizar a coisa. Não podemos falar da evangelização, sem falar dos agentes da evangelização, dos conceitos de evangelização, que ocorrem no nosso meio. Seja a evangelização do índio, do colono, do favelado, acho que sem uma visão mais profunda da nossa realidade, não é possível discutir.

### Scylla

O Orvandil fala que quando a gente arrebanha alguém, a gente está como que tirando a pessoa de um contexto e fazendo uma segregação; em outras palavras, ele tem dito, colocando no ambiente da nossa Igreja...

### Orvandil

Eu não generalizei. Em todo caso, o que eu estou dizendo eu observo.

### Scylla

É que eu acho que a pessoa evangelizada, verdadeiramente evangelizada, é a pessoa que melhor se engaja para começar a vida no mundo. Agora, é verdade que as nossas Igrejas, estão cheias de pessoas vazias, sem nada. Duas coisas não foram mencionadas aqui, e que acho são indispensáveis, quando se fala de Evangelho e evangelização. Elas fizeram parte da primeira mensagem de Jesus, registrada nos Evangelhos de Marcos e Mateus. Uma é a respeito do Reino de Deus. Evangelho é levar a mensagem do Reino de Deus, é convidar as pessoas a fazerem parte do Reino de Deus. Esse Reino, pelo menos entendo assim, é um Reino que está acima de qualquer outro reino. Isto, para mim, não pode ser dispensado da mensagem do Evangelho. Outra coisa é um fenômeno, também uma palavra, que hoje, consciente ou inconscientemente, temos procurado abolir, e esquecer, da nossa terminologia: é o pecado. Jesus, quando iniciou a mensagem que está registrada pelo menos em Marcos e Mateus, disse: "O tempo está cumprido, o Reino de Deus está próximo; arrependei-vos". De quê? Do pecado. O maior pecado, a meu ver, e é assim que eu prego, o maior pecado que nós podemos cometer é o de não ter ainda aceito a Jesus Cristo. Para mim, este é o maior pecado: não submetemos nossa vida a Jesus Cristo, ao seu senhorio, porque Ele foi feito, segundo a própria Palavra de Deus, Senhor e Cristo.

### Lori

A questão que eu acho importante seria como tornar esse Evangelho, que eles já ouviram, mais libertador na vida desse povo, e que lhes traga mais vida, e que não seja só um Evangelho que sirva de consolo para eles suportarem a provação, esperando uma solução lá no Reino de Deus. Que não ajude a oprimi-los mais, mas que os ajude a ter mais ânimo, mais vida, a viver mesmo. Eles já escutaram o Evangelho pregado, mas como fazer com que eles o ponham em destaque em suas vidas? Acho importante a questão da vivência, para a gente poder conhecer o grupo, seja o branco, o índio, seja o de qualquer outra cor ou raça. Conhecer primeiro o grupo para quem a gente vai pregar.

## Scylla

Estou insistindo um pouco demais nisso, mas é reflexo das experiências que tive, convivendo num lugar onde há uma missão que está lá há cinquenta anos, pregando por todos os meios. Acho que se nós, como Igrejas, vivêssemos realmente como pessoas remidas, libertadas por Jesus Cristo, mesmo que fôssemos mudos, o Evangelho ainda cresceria bastante. É muito difícil a gente comunicar aos outros aquilo que realmente não se está vivendo na plenitude, não se está sentindo na plenitude. Por mais que a gente fale com o índio, não consegue tocar as pessoas, especialmente no caso daqueles que vêm de fora. Há uma diferença enorme entre pregar o Evangelho para os que vêm e para os que não vêm de bases cristãs. Aqui, quando falo de Jesus Cristo, todo mundo localiza essa pessoa na história; mas quando falo de Jesus Cristo com o índio, ele pergunta se é o chefe do posto, se é da FUNAI. Então é uma coisa que só mesmo estando lá para ver. Quando falei naquela questão dos sete anos, por exemplo: no primeiro ano que a gente chega, o índio pensa que é só mais um que vem para explorar; depois diz: se não é nesta, na outra colheita ele vai tirar o dele; quando passam duas ou três colheitas, fala assim: acho que o negócio desse aí é outro; deve estar interessado nalguma índia. Até descobrir, finalmente, que nosso interesse é pela pessoa dele. Aí ele começa a tentar descobrir o que foi que nos impulsionou para lá. Acho que quase todos os missionários que vão, quando são missionários de fato, não são movidos por outra coisa que não seja — vamos usar agora um termo bem protestante — o amor às almas, e por busca às pessoas. Só que essa maneira nossa de buscar dificulta muito, no caso dessas fronteiras, porque lá o indivíduo está oprimido, está sendo roubado, está pisado, e eu nada posso oferecer a ele. Disse Jesus: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”. E a vida do índio não é de abundância, é de miséria. Eu me coloco, às vezes, um confronto muito chocante: o missionário que mora numa casa com telinha na porta, ar condicionado, carro na porta, telefone, televisão a cores; enquanto o índio mora numa choça miserável, às vezes no quintal do missionário. Quando chega gente, este diz: Meus irmãos índios. Mas eu não deixo meu irmão numa choça. Meu irmão mora dentro da minha casa. O índio não se sente um irmão de jeito nenhum. E por mais que eu lhe diga que Jesus Cristo veio para salvar, para libertar, para curar, ele não se

sente englobado dentro desse Cristo. Lá em Dourados, a maior dificuldade é essa. Porque é bem pertinho da cidade, e o que os índios vêem realmente, na vida da cidade, e da Igreja da cidade, não os convence.

## Roberto

Os Suruí perderam a maior parte de suas terras para os cristãos. São cristãos católicos, luteranos, batistas, da Assembléia de Deus; eles têm uma safra de cristãos invasores de suas terras. Têm diante de si tal testemunho, que é anticristão.

Essa é a realidade. Nós optamos pelos índios. A gente foi viver lá com eles, mas também nós somos cristãos. A gente tem que ter muito cuidado, para não ser outro invasor. A presença da gente já é uma interferência. Ser branco no meio dos índios já é uma interferência.

Quando a gente conversa com eles, perguntam: Quem é que paga vocês? Quem é que mandou vocês para cá? A gente diz: Foi a Igreja. Mandou-nos vir trabalhar com os Suruí, e aqui estamos. Outro índio vem a mim, e diz: Olha, sou crente. E logo, em seguida, diz: Agora não fumo mais. Foi isso que ele aprendeu. Ser crente é desse jeito: Agora não fumo mais... Mas logo a gente descobre que ele está brincando. Os índios estão em contato quase semanal com as Igrejas que existem por ali, fora da área. Cada linha de colonização tem uma Igreja: tem Igreja luterana, católica, Assembléia de Deus, batista, e assim muitas. Esse é o tipo de evangelização que eles estão sofrendo. Não sei como é que se vai pôr um fim nesse processo. E os cristãos de nossas Igrejas dizem assim: Esses índios são uns vagabundos, são uns ladrões; vêm na nossa casa apontando armas para nós, e levam o feijão que a gente suou para plantar; levam nossas panelas, querem levar nossas galinhas. Que é que vocês estão fazendo lá? nos perguntam. São melhores do que nós para vocês irem trabalhar junto com eles? É muito difícil dizer-lhes que índio é tão gente quanto eles, e têm tanto direito de ter sua terra protegida, legalizada, quanto eles. É também muito difícil dizer que eles estão errados nessa situação; que deviam, por honestidade, sair dali e ir lutar com o Governo que não lhes deu terra, que impede que tenham acesso à terra. Essa é a realidade, onde a evangelização está para ser feita.

## Zwínglio

Como você, Roberto, vê daqui a algum tempo esse contato que está tendo? Depois desse contato, quando já tiver apren-

dido a língua dos índios, quando confiam em você, acha que só isso já é suficiente, ou tem alguma coisa mais?

## Rubem

Além daqueles em que já temos tocado, outro problema é o de que tantos dos sinais diferenciais, a nossos olhos, dos que já foram convertidos, e da nova vida, são muito ligados a uma certa tradição muito particular, que é a nossa. Certos tipos de hinos, o jeito de cantar... Venho de uma família presbiteriana, bem presbiteriana mesmo, daquelas que quando cantam endireitam a coluna, para cantar direitinho. Mexeu com a coluna, é sinal de que já tem alguma coisa errada, e de algum tipo de infiltração. Bater palmas na Igreja realmente seria vulgarizar o templo, uma profanação. Bater palmas é no circo, no teatro. Tenho que respeitar minha família, o meu avô, que encarnou em sua vida, uma vida realmente de sacrifício, de dedicação, uma mensagem que quis levar até o fim da vida. Realmente tenho que respeitar os sinais que ele trouxe consigo, sinais de integridade, sem dúvida. Agora, passando um tempo, percebo que os sinais que eram tão importantes não passavam de uma tradição do meu avô, e provinham de uma tradição que chamavam calvinista, muito forte, e assim por diante. Na verdade, não só os católicos, mas também os protestantes identificam a mensagem cristã com uma tradição cultural particular. Acho que isso a gente percebe com muita clareza, quando passa de um certo grupo para outro. Quando se muda de Estado, ou quando se muda para um bairro mais popular, onde é outra a linguagem, há uma grande dificuldade, que é a da comunicação. E aí tem-se todo um trabalho para distinguir o que é realmente fundamental para aquela nova experiência, para aquela nova vida; do que é, afinal de contas, secundário, ligado a uma tradição alheia. Isso é particularmente difícil em relação aos povos indígenas, que vêm de uma tradição tão diferente.

## Scylla

O grande problema é que não podemos cumprir essa tarefa missionária às nossas próprias custas. Temos que estar sujeitos a uma instituição. Eu tenho uma instituição que me ampara, me sustenta, e à qual devo obedecer, segundo as regras do jogo. Quando entra a questão de tradição, que o Rubem colocou, temos que nos situar. Por exemplo, fulano pode ser um grande cristão, mas não pode ser membro da minha Igreja, porque na minha Igreja não se

Roberto

*O índio tem uma mensagem para nós. E não só para nós, tem uma mensagem para toda a nossa sociedade.*

Lori

*Como tornar esse Evangelho mais libertador na vida desse povo, que não seja um Evangelho que serve apenas de consolo para suportarem a provação, à espera de uma solução lá no Reino de Deus?*

Os antropólogos Luz Vidal,  
Rubem César, Carlos Alberto



pode fumar. Nem por isso ele vai deixar de entrar no céu. A regra de minha Igreja só diz que ele não pode ser membro. Em todas as sociedades a gente tem de respeitar certas regras, e até não discutir muito. Apesar de não termos resolvido as diferenças, ao contrário do que diz esta discussão, o Evangelho permite várias opções, atitudes e práticas diferentes e autênticas. Estamos vendo que cada um tomou a sério o que é autêntico. O Evangelho é tão rico que permite diferentes áreas de ação. Isso é uma riqueza do Evangelho. Não podemos dizer quem está certo, nem quem está errado. Conforme as situações diferentes, e conforme a autenticidade de cada um, conforme a filosofia de vida de cada um, vêm de uma forma, ou vêm de outra forma, o mesmo Evangelho.

Zwínglio.

Rubem já falou, mas não quer dizer que não se possa acentuar um pouquinho mais. A gente tem de ter o cuidado de não confundir a Igreja de Cristo com a Igreja instituição. Temos de distinguir entre essas duas coisas, fazer diferença entre a Igreja de Cristo, a Igreja do Evangelho, e a Igreja instituição. Esta é utilizada como um meio, mas não como um fim último. Temos que ter bem clara essa diferença.

Roberto

Nós, cristãos, temos uma coisa que poderia ajudar-nos a definir o mundo. Por um lado, a gente tem uma promessa, promessa que não nos pertence, como propriedade, mas que sempre de novo nos desafia. Diria, neste sentido, que o horizonte da nossa vida é dado pelo Reino de Deus; quer dizer, o futuro não está em nossas mãos. Não temos o poder de manipular o futuro. Mas acredito que esse futuro vem a nós, e nos liberta, para estarmos aqui como servos dos homens. Acho que, mais do que nunca, é preciso que a Igreja deixe toda a sua ostentação, toda a sua pretensão de ser alguma coisa que esteja acima dos homens, para ser aquele povo que está disposto a entregar a vida pelos homens, pelas mudanças que são mais que urgentes neste mundo. Por isso me identifico demais com esse texto que o Scylla escreveu, quando enfatiza tanto essa dinâmica de vida, que de nós é exigida pelo Evangelho. Diante de todos esses problemas que os cristãos colocaram no mundo pelo fato de não serem fiéis ao Evangelho, sempre me lembro, de novo, desse cântico que aparece em Filipenses, capítulo dois, que conta qual foi o caminho que Cristo escolheu, para ser nosso Senhor.

Diz assim: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus”. Quer dizer, esse é o tipo, esse é o modelo, esse é o caminho. Vou ler agora qual é o caminho que Cristo abriu para nós: “Que sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus” (está-se falando de Jesus Cristo), “mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. E achando-se na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que Deus também o exaltou soberanamente, dando-lhe um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.”

# Com os Gaúchos no Mato Grosso

Passagens do testemunho de Valdir B. Neuhaus, pastor luterano em Água Boa, Mato Grosso. Fala da vida difícil dos colonos gaúchos de origem alemã que migraram para o norte do país.

Seus antepassados vieram da Alemanha, deixando a dureza da vida rural do centro europeu do século 19. Buscaram os estados do Sul de clima mais ameno e cujas terras não estavam ocupadas pelos grandes fazendeiros. Brigaram com os índios, muitas vezes, e foram-se estabelecendo. Cada família trabalhando para o próprio sustento e vendendo o pouco que sobrava. Mas agora, sobretudo depois que a soja e o trigo passaram a ser produzidos em grandes quantidades, a terra valorizou muito, e os pequenos já não conseguem comprá-la. Um grande número de lavradores de origem alemã encontra-se em dificuldade no sul do Brasil. E aí veio a propaganda da colonização da Amazônia. Promessas de terras boas e fartas, de estradas, escolas, hospitais, ajuda do Banco. Em Tenente Portela uma colonizadora particular foi fundada por um pastor luterano (que aliás acabou abandonando o pastorado para dedicar-se somente à organização dessas colônias). E os gaúchos começaram a migrar para o norte do país.

Nossa Igreja resolveu acompanhá-los, mandando obreiros e pastores para as novas terras. Eu me formei na escola para catequistas e decidi juntar-me à equipe que trabalha em Mato Grosso, na esperança de que lá, onde tudo começaria de novo, poderia experimentar novas formas de vida religiosa. Mas infelizmente, sofríamos muitas ilusões.

As estradas, sobretudo no começo, eram péssimas e havia dificuldades para deslocar a produção da lavoura até a cooperativa ou mesmo da cooperativa para os grandes centros. Chuvas intensas durante 5 a 6 meses seguidos formam enormes atoleiros. Muitos colonos receberam lotes que têm mais areia do que terra, com baixíssima produtividade. O financiamento custa caro, e quem não deu sorte, ou não dispunha de um dinheirinho maior, fica numa dependência louca diante do banco, devendo quantias fabulosas que não sabem como pagar. Para atender ao pagamento dos empréstimos, quase todos plantam uma cultura só, o arroz, para vender e fazer dinheiro. Precisam então comprar o que comer, que é caríssimo na região, duas ou três vezes acima da tabela da SUNAB. Faltam frutas, verduras, leite.

E há outros problemas, que são derivados do isolamento do grupo. De origem alemã, vindos do Sul, sentem-se ameaçados diante dos moradores locais, os mato-grossenses, os posseiros de outras regiões do país, ou os índios. E por isso se fecham, formando preconceitos contra o pessoal de cor que predomina entre os mato-grossenses.

Nós também, os missionários, enfrentamos dificuldades. As distâncias são enormes, o trabalho é muito, e os desafios são formidáveis. Mas temos a visão de um novo começo. Queremos apoiar os mais fracos, incentivá-los a assumir o seu destino, reconhecer a sua dignidade, enfrentar de cabeça erguida os enganos e as armadilhas que lhes são preparados pelos poderosos. Queremos que participem mais efetivamente da liturgia e da vida da Igreja. Naquelas paragens eles não têm onde se encontrar. A Igreja é o único local onde podem conversar descansadamente e também discutir os seus problemas comuns. Queremos que as paróquias sejam um lugar de comunhão dos problemas e das esperanças dos colonos. Que seja também um lugar que os provoque a refletir sobre a sua situação, que os ajude a sair do isolamento e a vencer os preconceitos. Nós, pastores e obreiros luteranos que estamos em Alto Araguaia, Barra do Garças, Água Boa e Canarana, estamos aprendendo tudo que podemos sobre a vida dos agricultores, para de fato acompanhá-los na realidade da sua vida. Mas tudo isto não é fácil, pois os colonos muitas vezes são os primeiros a resistirem a idéias de inovação. Sentem-se tão inseguros que preferem repetir os costumes e os modelos que praticavam no Sul, para demonstrar talvez que continuam inteiros, que não estão perdidos. Mas nós achamos que esta segurança é ilusória. A situação é outra, os desafios são outros, e precisamos de uma renovação.



Visão de um novo começo – Pastor Valdir Neuhaus. Para se comunicar com o P. Valdir Neuhaus, escrevam para Caixa Postal 200, Água Boa, 78300 Barra do Garças (MT).

# Roças Comunitárias com os Kaiowá

Os Kaiowá em sua cultura primitiva eram coletivistas, pelo menos em termos de “família grande”, e mesmo as rocinhas de família não eram tão privadas, pois em determinadas circunstâncias outros podiam colher delas.

O esquema de dominação, à guisa de “civilizá-los”, tirou dos Kaiowá muitas coisas, inclusive o seu sentimento cooperativo, desenvolvendo neles o egoísmo característico da cultura ocidental. A introdução do dinheiro no seu sistema de troca foi a maior desgraça, o poder mágico de que um pedacinho de papel podia ser trocado por carne e principalmente cachaça era deslumbrante e, por não saber lidar com ele (como os demais mortais), os transformou em mão-de-obra barata durante longos anos, explorados principalmente como ervateiros. Passada a febre do mate, foram para a “changa” (bóia fria). Com o alto nível de mecanização da lavoura nos últimos anos, ficaram desempregados, ou sendo contratados para serviços duros e mal remunerados.

Foi nessas circunstâncias que o Rev. Scylla os encontrou há oito anos atrás.

A primeira tentativa, que foi de roça particular, falhou, pois os que conseguiam sucesso, ou gastavam o dinheiro do ano em duas horas em coisas fúteis, ou se transformavam em patrões para explorar os outros índios; e, principalmente, porque criou um sistema de disputa de terra entre eles.

A proposta evangelizante que até então conheciam era de resignação, sofrimento aqui para receber na eternidade as bem-aventuranças eternas. O Rev. Scylla, que estava envolvido com a área de Ação Social da Igreja Metodista, entendia que o Reino de Deus começa aqui e agora, porém era preciso reuni-los em torno de alguma coisa concreta para poder dar o testemunho cristão. Há anos explorados, seqüestrados em sua cultura, era natural a sua desconfiança, e somente muita paciência e respeito ao índio permitiu a primeira experiência de roça comunitária, logo aceita por outros grupos.

As roças comunitárias têm inúmeras vantagens: têm raízes em sua cultura, melhor aproveitamento da terra, distribuição equitativa da renda; retoma o sentido de comunidade, fortalece e até ressuscita algumas de suas tradições, possibilita o nosso testemunho diário junto deles e os reorganiza socialmente.

Com sua saúde abalada, o Rev. Scylla teve que deixar o trabalho junto aos Kaiowá no ano passado. Mas seu exemplo deu frutos e um jovem casal se apresentou para dar continuidade à missão. Áureo e Rosa Helena Brianezi é o jovem casal que vive em Dourados com duas filhinhas.

Seu endereço para correspondência é: Caixa Postal 85, 79800 Dourados, Mato Grosso do Sul.

# Documento Final do Encontro “Presença Evangélica nas Fronteiras Internas do País”

Nós, missionários e obreiros das Igrejas Evangélicas Metodista, de Confissão Luterana e da Federação Nacional das Igrejas Presbiterianas, reunidos nos dias três a onze de agosto, na Chácara Flora, em São Paulo, para o Encontro “Presença Evangélica nas Fronteiras Internas do País”, vivendo dias de intensa fraternidade, reflexão e troca de experiências, lembrando-nos de tantos outros missionários que compartilham do mesmo compromisso de fé cristã, sentimos o dever de levar a público as seguintes preocupações, descobertas e esperanças:

## I Levantamento da Realidade

A. Atuando como obreiros das Igrejas no *meio rural*, deparamo-nos com os crescentes problemas de uso e posse da terra:

- a concentração de grandes extensões de terra nas mãos de uma minoria;
- o empobrecimento e a degradação do posseiro, do arrendatário e do pequeno proprietário;
- o conseqüente êxodo rural, que tem provocado o inchamento das cidades e metrópoles;
- o aumento brutal do número de trabalhadores volantes, peões e bóias-frias, sem as mínimas condições de uma vida digna;
- o crescente número de conflitos de terra, que explodem em diversas partes do País, como por exemplo em Rondônia, no Mato Grosso, na área da Transamazônica, nas margens do Rio São Francisco, na área da Usina de Itaipu;
- a colonização nos moldes atuais que criou uma falsa idéia de desenvolvimento e progresso;
- a colonização recente que estimulou um grande movimento migratório no país, deslocando milhares de famílias de forma desumana, desenraizando-se, sem garantir melhores condições de vida.

B. Atuando como obreiros das Igrejas junto a *comunidades indígenas*, verificamos:

- a invasão constante que sofrem a maioria das áreas indígenas;
- os graves conflitos gerados por esta situação;
- a exploração da mão-de-obra indígena;
- a situação dramática de alguns grupos em processo de extermínio;
- a degradação da cultura desses povos no contato com a sociedade nacional;
- a dificuldade no relacionamento com a FUNAI.

Neste momento, chamamos a atenção especialmente para os seguintes casos:

- as terras do Suruí, em Rondônia, continuam invadidas por mais de duzentas famílias, causando constantes atritos entre índios e colonos;
- as terras dos Arara e Xikrin, no Pará, estão ameaçadas por colonizadores e madeireiras. Entre estes grupos, está a COTRIJUI — Cooperativa Regional Tritícola de Ijuí (RS), criando condições que poderão levar a graves conflitos entre colonos do Sul e a nação Arara;
- a invasão das terras dos Kaingang, de Guarita, no Rio Grande do Sul.

Com base nestes fatos, propugnamos pela urgente demarcação das terras indígenas, respeitados os seus interesses, pela devolução das terras invadidas, por condições de vida mais humanas para essas comunidades. Apelamos à consciência nacional, para

que veja os povos indígenas como irmãos livres e protagonistas do seu próprio destino. Neste sentido, apoiamos integralmente a criação do Parque Indígena Yanomami.

## II Dispersão dos Missionários

Como missionários vindos das mais diferentes paragens deste País, nos identificamos com as populações às quais fomos enviados pela Igreja de Cristo. Constatamos na reflexão do nosso trabalho, uma situação de isolamento e dispersão, que tem impedido um maior intercâmbio de idéias e experiências. Em vista disto, sentimos a necessidade da criação de um *grupo de trabalho interdenominacional*, que servirá para a maior cooperação e integração daqueles que se encontram nas frentes missionárias.

## III Missão e Evangelização

O Evangelho é a boa notícia de Deus para toda a humanidade. Deus está em Cristo (2 Co 5.19). Deus se fez homem, se fez servo dos homens em Jesus de Nazaré, para libertá-los de tudo aquilo que os escraviza. Portanto, a boa notícia é a mensagem de justiça e liberdade.

Missão e Evangelização se confundem: é a ação de Deus para a libertação de cada pessoa. Nós somos parte do povo que está sendo alvo desta ação de Deus. Portanto, como participantes deste agir de Deus é que somos levados a evangelizar, em palavra e vida.

Creemos que, no contexto da evangelização, somos colocados no compromisso de viver o Evangelho entre este povo oprimido, pondo-nos ao seu lado na defesa dos seus mais legítimos direitos. Assim entendemos ser hoje a ação profética da Igreja (Mt 28.18-20; Lc 4.18, 19).

## IV Encarnação

A necessidade da presença das Igrejas evangélicas nas áreas de fronteira interna, fez com que estas Igrejas passassem por muitas mudanças. Registramos, com alegria, os novos caminhos que se abrem para que nossas Igrejas sejam cada vez mais enraizadas na vida e na cultura do nosso povo.

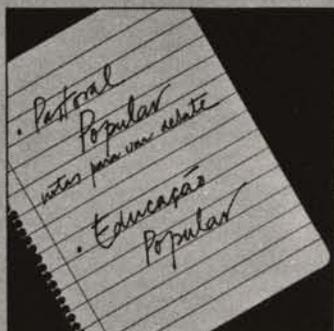
Assumimos, na fé, a grande esperança guardada no seio do nosso povo por uma mudança que realize a justiça e anuncie o ano aceitável do Senhor (Fp 2.5-11; Jo 1.14).

No encerramento deste encontro, reafirmamos nossa fé, e oramos para que o amor se realize em nós, de tal forma que possamos ser corpo vivo de Cristo no meio do povo, para sua redenção, para que não recebamos em vão a graça de Deus (2 Co 6.1).

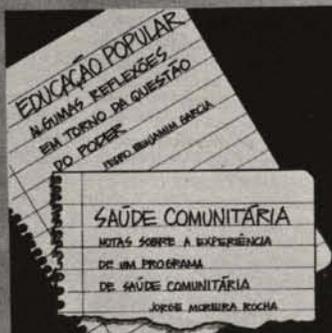
São Paulo, 11 de agosto de 1979

Cadernos CEDI

1



Cadernos do CEDI /2



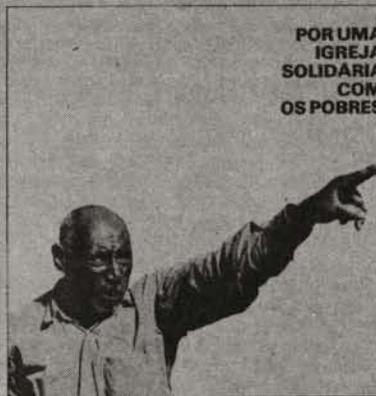
Cadernos do CEDI/3



Estudo sobre Condições e Direitos Associados ao Problema da Saúde

Cadernos do CEDI

4



A sair:

**CADERNOS DO CEDI 6**

**A Questão Política da Aprendizagem Profissional**

**Educação Popular e Poder**